
Sugestões para as Noites dos Livros Censurados

Ler um livro completo a várias vozes: cada pessoa lê um capítulo. Convém ser um texto breve. Ou que os leitores tenham muito entusiasmo!

Ter um conjunto de livros disponíveis para que cada visitante escolha o que quer ler à audiência. Uma folha com inscrições ajuda a organizar e não coarctar a liberdade. Se dispensarem a organização, o braço no ar também resulta. Alguém na sala fará o papel de moderador, para passar a palavra por todos os que querem ler. Podem indicar um tempo indicativo como máximo. Cinco minutos permitem ler um bom excerto e não deixam a audiência a dormir.

Criptografar um pequeno texto clandestino: trocar as letras por números – ou outras letras – e fornecer o código. Em grupos, terão de reconstituir o texto secreto e lê-lo em voz alta.

Um exemplo poderá ser o código de Júlio César, no qual, cada letra da mensagem deve ser substituída por outra que esteja três casas à frente no mesmo alfabeto:

A B C D E F G H I J L M N O P Q R S T U V X Z

C D E F G H I J L M N O P Q R S T U V X Z A B

PCQ C EGPXTC! = Não à censura!

Distribuir excertos à entrada. Quem quer ler para o grupo lê. Quem não quer não lê.

Encenar o texto ou o contexto. Dramatizá-los a gosto. Os objetos também são evocativos e permitem despertar emoções que se transmitem através das leituras.

Convidar as pessoas a trazerem consigo com o seu livro censurado, o que implica comunicar antecipadamente. Podem promover-se conversas sobre o livro de cada um. O Plano Nacional de Leitura disponibiliza uma lista com alguns títulos que podem ser usados para consulta, em caso de dúvida ou de precisarem de ideias.

Entre livros disponíveis, livros que as pessoas trazem de casa e excertos impressos (sem os riscos da clandestinidade), cada um encontra um espaço para ler em silêncio, a par ou em pequenos grupos. A leitura é livre de ser praticada como se quiser.

Organizar uma roda. O primeiro voluntário lê um pequeno excerto ao ouvido do parceiro do lado. A segunda pessoa na roda conta o que ouviu ao vizinho do lado. A última pessoa conta alto o que ouviu e comparam com o original.

Para acompanhar: silêncio, som, imagem, vozes, objetos, música.

Zeca Afonso ou Luís Cília são apenas dois dos muitos nomes para ouvir ou, porque não, cantar, lembrando poemas que não se esquecem.

Imagens, filmes e documentários também podem fazer parte do ambiente: da curta-metragem A Invenção do Amor ao documentário O que podem as Palavras, em que as “três Marias” contam a sua história, são inúmeras as possibilidades.

À desgarrada: conhecem o mesmo poema? Sabem a mesma canção? Digam-no, cantem-na à vez, a cada verso ou a cada estrofe; se quiserem fazer coro, será uma só voz, coletiva, que se ergue no ar.

Criar uma memorabilia coletiva que una o público em comunidade e memória. Em alternativa, construir um mural onde se colecionem palavras e excertos que podemos e queremos dizer.

Propor um brinde com um livro na mão. Brindar aos autores corajosos, nomeando-os. Lembrar também os autores de letras de músicas de intervenção.

Qualquer outro formato que celebre a leitura em liberdade e lembre os que lutaram pela vida em democracia é bem-vindo.

A noite já não fica calada e os livros não se escondem! 25 de abril, sempre!

